

AIDS E IDENTIDADE EM O TRIBUNAL DA QUINTA-FEIRA

Aids and identity in O tribunal da quinta-feira

Alessandra Daniele da Silva Boos

 <https://orcid.org/0000-0002-3259-4398>

Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Licenciatura a distância em Ciências Biológicas, Florianópolis, SC, Brasil. 88040-900 – biologia.ead@contato.ufsc.br

Resumo: Este artigo apresenta uma análise da obra *O tribunal da quinta-feira*, de Michel Laub, publicada em 2016, com o intuito de perceber como o narrador (e protagonista) conta a sua própria história, como ela está imbricada com a própria história da AIDS no Brasil e o que as suas relações pessoais nos dizem sobre a sua identidade como homem cisheterossexual. O relato do narrador José Victor evoca uma espécie de “genealogia da AIDS” como forma de dar sentido às suas experiências de vida, em especial as sexuais. Apesar de crítico em relação à estigmatização das pessoas infectadas com o HIV e à homofobia, José não poupa as mulheres em seu entorno de discursos misóginos, disfarçados de senso de humor. Além disso, estão em foco questões como a heteronormatividade, a sociedade disciplinar e a pornografia. Para pensar as questões trazidas por essa narrativa foram utilizados principalmente os seguintes autores: Perlongher (1987), Bourdieu (1996), Foucault (1999), Sontag (2007) e Rich (2010).

Palavras-chave: Dispositivo da AIDS. Estudos de gênero. Literatura brasileira.

Abstract: This article presents an analysis of Michel Laub’s *O tribunal da quinta-feira*, published in 2016, in order to understand how the narrator (and protagonist) tells his own story, how it is intertwined with the very history of AIDS in Brazil and what his personal relationships tell us about his identity as a cisheterosexual man. The narrator José Victor's account evokes a kind of “AIDS genealogy” as a way of giving meaning to his life experiences, especially sexual ones. Despite being critical of the stigmatization of people infected with HIV and homophobia, José does not spare women around misogynistic discourses disguised as sense of humor. In addition, issues such as heteronormativity, disciplinary society and pornography are in focus. To think about the questions brought by this narrative, the following authors were mainly used: Perlongher (1987), Bourdieu (1996), Foucault (1999), Sontag (2007) and Rich (2010).

Keywords: AIDS apparatus. Brazilian literature. Gender studies.

Introdução

Queria escrever sobre tolerância no mundo de hoje. A tolerância leva à questão da identidade, que está presente em quase todos os meus livros. Dentro desse universo, percebi que a sexualidade é um tema que eu não tinha tratado. Então, veio a AIDS. Não queria um romance sobre a doença, e sim



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

usá-la para chegar a algo simbólico (MORAES, 2016)

Como o próprio autor Michel Laub indica nesta entrevista concedida a Camila Moraes (2016), a questão central de *O tribunal da quinta-feira* é a identidade vista a partir “dos óculos” da sexualidade. Esta escolha está sintonizada com a percepção de Michel Foucault (1999) de que a sexualidade está na fonte da identidade dos sujeitos no Ocidente:

A questão sobre o que somos, em alguns séculos, uma certa corrente nos levou a colocá-la em relação ao sexo. Nem tanto ao sexo-natureza (elemento do sistema do ser vivo, objeto para uma abordagem biológica), mas ao sexo-história, ao sexo-significação, ao sexo-discurso. Colocamo-nos a nós mesmos, sob o signo do sexo, porém, de uma **Lógica do sexo**, mais do que de uma **Física**. [...] o Ocidente conseguiu, não somente e nem tanto anexar o sexo a um campo de racionalidade, [...] mas sobretudo colocar-nos, inteiros – nós, nosso corpo, nossa alma, nossa individualidade, nossa história – sob o signo de uma lógica da concupiscência e do desejo. Uma vez que se trate de saber quem somos nós, é ela, doravante, que nos serve de chave universal. [...] um sexo imperioso e inteligível. O sexo, razão de tudo. (FOUCAULT, 1999, p. 75, grifos no original).

E, conseqüentemente, assim como o sexo, a identidade também será atingida por discursos em uma tentativa de controle e de normatização pelo biopoder/pela biopolítica. Um dos dispositivos apontados por Foucault (1999) para efetivar esse controle é a confissão. Esta deve ser entendida não apenas no seu sentido religioso, mas também em todos os demais que foram surgindo ao longo do tempo, no sistema judiciário, na medicina, na psicologia etc. O próprio título do romance nos remete a uma ideia de que haverá uma condenação/absolvição e, portanto, uma confissão. Os réus seriam Walter e José Victor, de acordo com este último. Já para Sontag (2007) o réu é a “doença”, neste caso a AIDS.

Porém, como enfatizado por Laub na entrevista publicada por Moraes (2016), esta não é uma história sobre o HIV; mas a partir dele uma série de situações irão se desenrolar na trama.

Para nos ajudar nessa análise, tomamos como base as obras de Susan Sontag (2007): *Doença como Metáfora e AIDS e suas Metáforas*, lançadas em volume único no Brasil e de Néstor Perlongher¹ (1987) *O que é AIDS*. Esta última contribuição² foi fundamental para se pensar as questões acerca da AIDS, homossexualidade masculina e práticas sexuais dissidentes. Na primeira parte do livro, Perlongher (1987) aborda aspectos biológicos do HIV (contágio, prevenção, distribuição no mundo) e na segunda os aspectos sociais e até afetivos concernentes às pessoas infectadas, utilizando o pensamento foucaultiano como guia.

Na segunda parte desta análise tentamos lançar luz sobre as relações do narrador e

¹ Néstor Osvaldo Perlongher (1949-1992) foi um antropólogo argentino que fundou um coletivo homossexual em seu país. Emigrou para o Brasil em 1981, publicou importantes trabalhos acadêmicos na área dos estudos de gênero, mas também obras literárias. Faleceu em decorrência da AIDS. Mais informações em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/p/perlongher-nestor>.

² *O que é AIDS* integrou a coleção Primeiros Passos da Editora Brasiliense e foi possivelmente uma das primeiras obras lançadas no Brasil sobre o HIV. Também é importante destacar que ela trouxe um panorama com um tom diferente do que os meios de comunicação vinham tratando o tema na época (segundo Perlongher, “como um show”), além de preocupar-se com a estigmatização das pessoas que viviam com o vírus.

protagonista, José Victor, com as mulheres e, em algum grau, com o seu melhor amigo, Walter. Na medida do possível, também se tentou recuperar a voz dessas personagens “secundárias”. Por fim, examinamos a construção da identidade masculina de José Victor a partir das suas falas e atitudes em relação a essas personagens e em relação ao que ele parece pensar de si. Utilizamos como suporte teórico, textos de Teresa de Lauretis (1994), Adrienne Rich (2010) e Judith Butler (2000; 2016). Não entramos em uma discussão sobre a questão das redes sociais e privacidade, visto que não nos aprofundamos nesses temas durante a pesquisa. Nosso recorte privilegia então as questões ligadas à identidade, sexualidade e AIDS.

De posse desse material, vamos analisar a “confissão” de José Victor com o intuito de perceber como ele conta a sua própria história, como ela está (ou não) imbricada com a própria história da AIDS no Brasil e o que suas relações com Teca, Dani e Walter nos trazem a respeito da sua identidade como sujeito masculino cisheterossexual.

Uma sigla, muitas histórias

Desde o começo da narrativa temos José Victor hipotetizando em que momento ele entrou em contato com o vírus da AIDS. Essa preocupação está presente especialmente na primeira parte do romance, chamada de *Uma sigla*, que abarca as lembranças de José V. como adolescente e jovem adulto. Nelas, a AIDS sempre está pairando. Nelas, são lembradas as campanhas de prevenção (“Quem ama protege”), as internações e as mortes de artistas conhecidos dos anos 1980 e 1990 (Cazuza, Cláudia Magno, Freddie Mercury etc.). Nelas, ele recorda que em sua primeira relação sexual estava com uma prostituta e o preservativo rompeu. Na quarta e última parte do livro, *Quinta-feira*, José revive mais algumas memórias de sua juventude: “Tudo poderia remeter aos tempos em que eu era atormentado por relatos de furos em camisinhas, de seringas escondidas em poltronas de cinema, de projeções em que a população da Terra se extinguiria na velocidade de propagação de um vírus mutante e imbatível” (LAUB, 2016, p. 147).

Essas lembranças ajudam a compor o que se poderia chamar de uma “mitologia da AIDS”, cujas origens poderiam ser traçadas a partir do *boom* das infecções pelo HIV na década de 1980, justamente quando o narrador iniciava sua vida sexual. A partir da fala de José temos um vislumbre do que ocorreu no auge da epidemia:

O terceiro amigo de Walter que morreu de A.I.D.S/S.I.D.A. se chamava Eugênio. Havia amigos em comum naquele enterro, e vários deles acabaram do mesmo jeito. Houve um ano em que foram sete. Houve um mês em que Walter foi três vezes ao cemitério. Eu conheci algumas dessas pessoas e me acostumei às cerimônias ao lado da cova, ao barulho das pás, à conversa ligeira no portão de saída enquanto se espera um táxi ou alguém que foi pegar o carro no estacionamento e que em breve também estará debaixo da terra (LAUB, 2016, p. 84).

Quais os efeitos dessa mitologia sobre a subjetividade de uma geração que cresceu percebendo o diagnóstico positivo para AIDS como uma sentença de morte? E quais os ecos desse imaginário que chegam até hoje a nós? Encontramos algumas pistas para pensar acerca

dessas questões ao longo de toda a narrativa de *O tribunal da quinta-feira*. Uma delas refere-se à ideia de “grupos de risco”, que está baseada na noção de que quanto mais parceiros/as sexuais uma pessoa tiver, mais chances de se infectar ela terá. Ou ainda, alguns “tipos” de relações sexuais estariam mais propensas do que outros à contaminação. Segundo essa perspectiva, o sexo anal seria mais “perigoso” do que o sexo vaginal (PERLONGHER, 1987), reforçando a legitimação social deste último, ou seja, sexo “seguro” seria aquele dentro do padrão heteronormativo, praticado por pessoas heterossexuais (PERLONGHER, 1987). Segundo Sontag (2007) o grupo de risco seria uma espécie de “comunidade de párias” e o diagnóstico positivo a revelação de uma identidade: você é gay. Essa “comunidade” estaria sofrendo um castigo divino por conta do seu comportamento sexual fora da norma. Na verdade, não há novidade em enxergar uma doença como uma punição; já é uma velha história contada pela humanidade desde os tempos da peste, da sífilis e mais recentemente do câncer e da AIDS (SONTAG, 2007). José V. também percebe que cada doença carrega um simbolismo próprio:

A tuberculose era conhecida como mal do século, o sintoma dos excessos dos poetas românticos na era vitoriana. Por muito tempo o câncer foi o contrário, o nome que não era dito, o resultado dos sentimentos sufocados por pessoas desprovidas de caráter e vontade. Já o que surgiu em 1981 foi visto como mistura das duas coisas, o resultado dos abusos de quem não tem força moral para resistir à natureza e ao mesmo tempo uma condição não dita, uma sigla científica e neutra que esconde um conceito que se espalhará apenas à boca miúda. Os primeiros apelidos da doença eram variações dos termos **peste** e **praga**. A reportagem de Hélio Costa descarta, mas não deixa de citar a expressão **câncer do homossexual** (LAUB, 2016, p. 28-29, grifos no original).

Esse imaginário sobre os supostos grupos de risco está presente ainda hoje, como atestado pela população LGBTQ+ que possui mais empecilhos para a doação de sangue³ do que as pessoas heterossexuais. José Victor aponta essa incoerência:

[...] ele teve três ou quatro namoros, três ou quatro ilusões como a do Rio, é preciso admitir que esses números não são tão extravagantes assim. Não são tão diferentes dos de qualquer adulto depois de 1981. Teca e eu tivemos uma quantidade semelhante de parceiros no período em que éramos solteiros, boa parte sem usar camisinha, ou vendo a camisinha arrebentar e indo até o fim apesar disso [...] mas condenar apenas o réu homoafetivo seria eximir os demais réus das consequências universais de suas condutas (LAUB, 2016, p. 154).

Para Sontag (2007), a doença é o réu, mas a culpa é do paciente. E se o paciente for alguém fora do comportamento preconizado pela norma, mais culpa terá e maior será a pressão

³ A pessoa com intenção de doar seu sangue deve passar por uma triagem que envolve, entre outras etapas, uma entrevista com um profissional de saúde. Entre as perguntas que devem ser respondidas, constam algumas relativas às atividades sexuais do indivíduo. De acordo com o artigo 64 da Portaria 158 de 04/02/2016 do Ministério da Saúde, uma das situações pelas quais um/a potencial doador/a está inapto/a temporariamente é “homens que tiveram relações sexuais com outros homens e/ou as parceiras sexuais destes”. Texto integral disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2016/prt0158_04_02_2016.html.

para que esse corpo seja disciplinado. Nos anos de 1980, os corpos potencialmente transmissores do vírus HIV eram os dos homossexuais masculinos, dos usuários de drogas injetáveis, das travestis, dos homens bissexuais e das mulheres “liberadas” (PERLONGHER, 1987). Coincidentemente (ou não), quando José Victor recupera as suas memórias sobre a AIDS, ele se recorda primeiramente da prostituta com quem teve sua iniciação sexual (uma mulher liberada?), de uma história sobre a travesti da cidade de Walter e do próprio amigo (homem bissexual/gay). Perlongher (1987) retoma a ideia de “anormais” de Foucault (2013), indicando que: “Uma vez que a medicina deixa de considerar a homossexualidade uma doença, parece dedicar-se então a curá-la, ou melhor, a regrá-la.” (PERLONGHER, 1987, p. 74). Entre os dispositivos utilizados para se chegar à normalização dos corpos homossexuais está a “confissão” das suas práticas sexuais, com o intuito de “diagnosticar e regulamentar” não só o paciente, mas todas as pessoas homo (e bissexuais) para que evitem essas atividades dissidentes (PERLONGHER, 1987). Dessa maneira, as práticas sexuais antecedem os discursos (médicos, nesse caso) que são criados para explicá-las e controlá-las, e o sexo torna-se um efeito desses discursos (FOUCAULT, 1999).

Outra questão que permeia a fala de José Victor é a busca por uma espécie de “marco zero”: a pessoa que teria infectado com o HIV o seu melhor amigo, Walter. Com o decorrer da leitura, assume-se que essa busca dá-se em parte por que José está lidando com a probabilidade de ter contraído o vírus de sua ex-mulher, Teca, que no passado teve uma relação sexual com Walter. Por outro lado, a busca pela origem da AIDS foi um grande tema de discussão nas décadas de 1980 e 1990 e, de certa forma, ainda é até hoje (ex: WOROBEY *et al.* 2004; SHARP; HAHN 2010). Além da concepção anteriormente comentada da AIDS como punição divina, Sontag (2007) também traz a visão da “ameaça estrangeira” (2007, p. 73), tornando alvo os imigrantes, vistos como potenciais transmissores do vírus na África do Sul, na França e nos Estados Unidos.

A despeito do aspecto simbólico-religioso assinalado por Sontag (2007), em nenhum momento a fala de José V. é marcada por um sentimento de estar sendo punido ou mesmo de Walter e Teca estarem sendo castigados por não terem contado a ele sobre esse episódio que aconteceu antes desta e José se conhecerem. O tom da “investigação” de José parece mais com o de alguém que está tentando dar sentido a esta nova situação. Em certa altura, ele lança a pergunta: “A conduta de cada um muda retroativamente, em função do resultado do teste?” (LAUB, 2016, p. 153).

As relações de José: virulência e viralização

A narrativa em *O tribunal da quinta-feira* é apresentada a partir do ponto de vista de José Victor, e intercalada por trechos de mensagens de e-mail, por comentários retirados de uma página da internet e por áudios enviados de Dani para José. As mensagens em questão foram trocadas entre José V. e seu melhor amigo Walter, ambos publicitários na faixa dos quarenta anos. As semelhanças entre os dois parecem terminar aí, já que José é heterossexual e recém-divorciado, enquanto Walter é gay, solteiro e vive com o HIV há anos. O próprio narrador tenta

imaginar como se deram algumas dessas diferenças, recriando o momento em que pela primeira vez, cada um deles, teria sido exposto à pornografia em revistas:

[...] ao ver aquela mulher de calcinha eu comecei a me candidatar a um futuro de filhos e grama verde no jardim, enquanto o futuro de Walter foi anunciado em outra página de outra revista, desta vez sem casas de luxo nem casamentos em crise. Na revista de Walter há um porão onde dois bombeiros cobertos de vaselina mostram os músculos um para o outro, entre mangueiras e capacetes, e meu amigo tem onze ou doze anos ao olhar para aquela sequência de fotos [...] (LAUB, 2016, p. 27).

Tanto nesse trecho, como ao longo de todo o romance, o narrador se mostra bastante irônico em suas observações relativas à sua própria (heteros)sexualidade e à heteronormatividade. Mas os mecanismos que levaram à construção desta última e sua efetivação na sociedade ocidental pós-século XVIII são mais complexas do que uma série de fotos poderia dar conta. A pornografia é mais um elemento dentre vários que levaram à construção da identidade de gênero em José ou em Walter. Falamos em construção, pois:

[...] assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, ‘o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais’, por meio do desdobramento de uma ‘complexa tecnologia política’. (LAURETIS, 1994, p. 208).

Também apontamos a diferença marcada na fala de José Victor: enquanto este usa como metáfora para a heterossexualidade “grama verde” e “casas de luxo”, para a homossexualidade resta o “porão”. O que nos leva a novas questões: de que maneira José se vê e se deixa ver pelas pessoas? De que maneira ele enxerga Walter, Teca e Dani?

O narrador reitera sua posição de privilégio em vários trechos: “Sou branco, tenho curso superior e renda na faixa mais alta da população, e pratico o contato pênis vagina com uma mulher vinte e três anos mais nova” (LAUB, 2016, p. 56), “Somos da classe média esclarecida” (LAUB, 2016, p. 60) e “[...] um homem branco, de orientação afetiva patriarcal, com humor baseado na depreciação e objetificação de grupos discriminados ao longo dos séculos e milênios” (LAUB, 2016, p. 158). Além dessa forma, José V. se define também pelas doenças que teve ou não teve durante a vida e pela escola que frequentou, ou seja, respectivamente pelos discursos médico e pedagógico. Na verdade, o narrador parece “brincar” ao longo do texto com os diferentes discursos produzidos pela sociedade contemporânea: desde o discurso publicitário, passando pelo feminista (no intuito de criticá-lo), pelo médico até o moralista (tentando imaginar o que as pessoas estarão falando sobre ele e Dani). José é uma figura “escorregadia”, difícil de criar intimidade, pois se esconde com frequência no seu “senso de humor”. Até mesmo quando Walter lhe revelou estar contaminado com o HIV, José dissimulou o medo, tentando parecer calmo, racional e claro, “engraçado”. Aparentemente, o amigo também usava a estratégia do humor naquele instante; assim é difícil ter uma dimensão de quanta ironia é usada entre os amigos para encobrir seus “reais” sentimentos. Porém, José dá

uma pista: depois da revelação de Walter, aquele foi ao banheiro do restaurante em que almoçavam, fechou-se em um dos cubículos e seu “corpo inteiro tremia” (LAUB, 2016, p. 86).

Aqui podemos trazer a noção de performance de gênero de Judith Butler (2000): a repetição de uma série de atos, gestos, signos culturais e comportamentos produz os gêneros. Alguns desses elementos repetidos à exaustão são atribuídos em certas sociedades ao gênero masculino, por exemplo. No caso de Walter e José poderia se pensar que a dissimulação dos seus sentimentos e o uso corrente de humor depreciativo fazem parte de suas performances do gênero masculino, um contraponto a valores vistos como “femininos” (o emocional, a seriedade). Em outra passagem, José fala de si em tom irônico como “uma biografia contada em atos de bravura tão naturalmente masculinos que excluía o medo e a dúvida” (LAUB, 2016, p. 14).

De maneira indireta, pode-se também vislumbrar um pouco mais desse narrador pelas suas relações com as mulheres. E aqui não escutaremos muito a voz delas, pois é José Victor quem conduz a narrativa e poucas vezes permite acesso à fala delas (e o mesmo ocorre com a voz de Walter). Nessa trama as mulheres estão geralmente ligadas sexualmente e/ou romanticamente a José (exceção: as amigas de Teca e a secretária da empresa). Também é notório o conteúdo do discurso empregado para falar sobre elas, sendo muitas vezes cruel. Na segunda parte da obra, o narrador faz uma lista de suas ex-namoradas/ex-afetos e descreve o fim do seu relacionamento/interesse por elas como “mortes”:

A primeira vez que me apaixonei foi aos sete anos. [...] mas para mim morreu em algum ponto das semanas ou meses em que a obsessão terminou [...] Carolina morreu de comum acordo em algum dia de 1991 [...] Ana Paula morreu muito depois de eu traí-la com a melhor amiga. [...] Simone morreu ali pela metade do namoro. [...] Com Teca a morte foi apesar da minha vontade, do esforço para fugir de uma tristeza [...] (LAUB, 2016, p. 50-51).

A mulher que o dispensou ou que já não o interessa mais sexualmente é como se não fosse viva. Em outros momentos, a mulher do seu interesse é uma presa e ele o suposto predador:

Remetente: eu. Destinatário: Walter. Data: 10/2/2016. Trecho: Conheci ontem uma possível vítima. É uma redatora-júnior da agência. Pela pele, parece ter uns vinte anos. O nome dela é Danielle (LAUB, 2016, p. 126)

Remetente: eu. Destinatário: Walter. Data: 31/1/2016. Trecho: Teca está viajando. Estou pensando em convidar a vítima redatora-júnior para contrair A.I.D.S/S.I.D.A. (LAUB, 2016, p. 94).

Teca, quando as mensagens foram enviadas, era a esposa de José e a “redatora-júnior” é Dani, que acaba tornando-se sua namorada. Mais adiante, comentaremos que Dani não se vê como vítima nessa história. Na realidade, a sensação que temos em alguns momentos é que o narrador subestima Teca e Dani ou que tem uma opinião equivocada acerca delas. A primeira, por exemplo, é retratada por ele como uma pessoa politicamente correta ao extremo, oriunda de uma família de classe média alta e em certa medida, “melancólica” com a separação. Poucos

meses após esse evento, Teca descobre em casa uma lista manuscrita contendo senhas de José, entre elas, a do seu e-mail pessoal. Ao acessar e ler o conteúdo das mensagens trocadas com Walter, ela decide compilar alguns trechos e enviar para o e-mail de amigas e amigos. De alguma forma, um desses destinatários acaba publicando os trechos em questão em uma página da internet e agora, todas e todos podem ler e comentar a respeito deles. Porém, antes do “vazamento” das mensagens, Teca telefona para José e aponta o seu machismo:

Tudo gira em torno de José Victor, a vítima desse...estereótipo. **A loucura das mulheres.** Que original da sua parte. [...] Que orgulho da autoridade que você tinha, ela continuou. O poder de saber que nosso casamento não tinha futuro enquanto me observava à distância. Pobre mulher ignorante. A mulher na gaiola enquanto o dono decide até quando o show vai continuar. Até quando vai o sacrifício do dono magnânimo. Até quando o dono aguenta viver como...castrado. Um **eunuco**. Que usa uma...**aliança de cadáver**. (LAUB, 2016, p. 75, grifos no original).

As insinuações feitas por Teca remetem a mensagens trocadas entre Walter e José, em que este último descreve a sensação de estar casado como uma espécie de castração. Não parece passar pela cabeça do narrador que Teca também pode estar se sentindo mal neste relacionamento ou que ela possa lidar bem com uma separação. Em outro trecho, José afirma que quando conversou e terminou seu casamento com Teca, teve que lançar mão de alguns “lugares-comuns” para “poupá-la” (LAUB, 2016, p. 78), num tom paternalista⁴. Por isso, ela aponta a falta de maturidade de José:

[...] o que você acha que eu teria feito se você tivesse me contado antes? Eu teria obrigado você a continuar comigo, amarrado você numa cadeira? Não haveria chance de conversarmos, de eu deixar você cuidar da sua vida em paz, e você deixar eu cuidar da minha, com tanta coisa a ser poupada para os dois? (LAUB, 2016, p. 75).

Ao fim desta que será a última conversa entre os dois, ela anuncia o seu próprio segredo, nas palavras de José: “antes de tudo isso minha ex-mulher trepou com Walter” (LAUB, 2016, p. 134). No entendimento do narrador, Teca “vazou” as mensagens com o intuito de se vitimizar (estar do “lado certo” da briga) e de se vingar também. José Victor reforça o estereótipo de que o casamento é um dos maiores desejos na vida de uma mulher (heterossexualidade compulsória) e que os homens, tanto heterossexuais quanto gays, têm “os mesmos instintos de dominação e objetificação carnal” (LAUB, 2016, p. 44) e daí o fato de se sentir um “cadáver” quando estava casado, mas de voltar à vida quando conhece Dani (LAUB, 2016). À Teca coube o papel de “ex” típico de ficção: o de vingativa.

Quando tentamos afastar mais um clichê da vida de José, aparece outro: o homem mais

⁴ Aparentemente José Victor reserva esse tom apenas para Teca, já que após saber da soropositividade de Walter, o narrador afirma que como forma de manter a naturalidade nas suas relações, ele evitou tratar o amigo com “cuidado paternalista” (LAUB, 2016, p. 92). Portanto, essa seria uma de suas “justificativas” para o teor das mensagens trocadas entre os dois.

velho que sai com uma mulher bem mais jovem⁵. Entretanto, segundo o narrador, percebemos que “talvez estejamos diante de uma vítima um pouco menos previsível, um pouco mais complexa do que permite a caricatura” (LAUB, 2016, p. 106) e que Dani em nenhum momento se considera uma “novinha” que foi abusada por um “quarentão”. Esta perspectiva coloca essa mulher como participante, tomando as rédeas da sua sexualidade, mesmo que um tanto jovem e talvez inexperiente. Ela estava ciente de que saía com uma pessoa com um cargo hierárquico maior que o seu na empresa e que era casado:

Você acha que não sou adulta para entender [...] Você acha que sou uma retardada como a sua ex-mulher [...] Você acha que sou como ela e só posso reagir a uma decepção me vingando. Eu não tive nenhuma participação ativa nisso, não é? Forçada a ter um caso com um homem casado [...] Eu sou tão retardada que não sei nem me defender de um convite para jantar. (LAUB, 2016, p. 173).

Ao mesmo tempo, a postura de Dani é ambígua. Ela quer mostrar-se “diferente” da ex-esposa: ela diz não ser como a outra, além de parecer tão sarcástica quanto José. Talvez este tipo de humor os uniu também, exemplificado pelas piadas na intimidade, chamando um ao outro de “abusador” e “vítima abusadinha” (LAUB, 2016, p. 111). Em um dos áudios, Dani diz que perdoa José V. pelas piadas trocadas com Walter, mas que também se sente culpada (LAUB, 2016). Entretanto, não fica claro a que se deve à culpa mencionada por ela. Lisiane Andriolli Danieli (2018) ao analisar *O tribunal da quinta-feira* traça ainda mais alguns comentários sobre a situação de Teca, Dani e José:

[...] Dani, uma das prejudicadas pelas mensagens divulgadas, cobra de José Victor apenas que ele fale sobre o que ocorreu após a divulgação, sem necessidade de pedidos de desculpa, pois não se sente ofendida pelo exposto, entendendo o contexto das mensagens. É interessante refletir em como, na obra, tem-se o contraponto de uma mulher “histórica”, que não aceita a separação e, portanto, divulga conversas privadas que possam causar constrangimento ao ex, e uma mulher, mais jovem e aberta, que aceita a situação, entende o narrador e fica com ele. Há, aqui, mais um reforço de estereótipo de mulheres e personalidades aceitáveis ou não; deve-se ser compreensiva, não inquisitiva. (DANIELI, 2018, p. 9).

É tentador sugerir que as assimetrias de poder na relação de José e Dani devido à diferença de idade e de cargos dentro da empresa levaria à “condenação” desse relacionamento, mas esses dados não podem ser desconsiderados. Rich (2010) já apontava que:

É fato que o local de trabalho, dentre outras instituições sociais, consiste em um lugar onde as mulheres têm aprendido a aceitar a violação masculina de suas fronteiras psíquicas e físicas como o preço para sobrevivência; onde as mulheres vêm sendo educadas – não menos que na literatura romântica ou na pornografia – a perceber a si mesmas como presas sexuais (RICH, 2010, p.

⁵ Em diversas passagens do livro o narrador demonstra consciência da diferença de idade entre ele e Dani. No entanto, sua maior preocupação em relação a esse tema parece ser a possibilidade de que ele seja “trocado” no futuro por um homem mais novo (LAUB, 2016, p. 121; 164; 170).

28).

José Victor, por outro lado, afirma que “ninguém tem nada a ver com o que esses dois adultos fazem na intimidade e consensualmente” (LAUB, 2016, p. 113). Dani e José brincam com os temas de “submissão” e parecem incorporá-los em sua prática sexual (LAUB, 2016, p. 115; 118-119). Entretanto, por mais consensual que seja esta atividade, ela pode ser vista como um produto do discurso do patriarcado em que estamos inseridas, reforçado pela pornografia:

A mensagem mais perniciosa transmitida pela pornografia é de que as mulheres são presas sexuais naturais dos homens e que elas gostam disso, que sexualidade e violência são congruentes e que, para as mulheres, o sexo é essencialmente masoquista, uma humilhação prazerosa, um abuso físico erotizado (RICH, 2010, p. 26).

A imagem pintada por José de “grama verde” e “casas de luxo” parece bem distante da apresentada por Rich (2010) em relação à pornografia. Como muitas das situações apresentadas ao longo da narrativa de *O tribunal da quinta-feira*, José parece ter sempre uma história para contar e uma piada aguardando o *timing* perfeito. Isso é o que ele faz com muita desenvoltura, uma habilidade profissional de publicitário. Contudo, após o “escândalo” das mensagens vazadas, este pede a sua demissão para não prejudicar Dani e está prestes a receber os resultados do seu exame de sangue. A quinta-feira será um dia incerto para José, pois encontrará Dani pela primeira vez após os “vazamentos” e contará a ela sobre Teca, Walter e sua sorologia.

Considerações finais

Toda biografia usaria de uma lógica “retrospectiva”: olhar para os acontecimentos do passado e tentar (re)organizá-los de forma coerente, de maneira a dar um sentido (BOURDIEU, 1996). Essa mesma lógica seria especialmente aplicada no caso de criminosos, com o objetivo de buscar vestígios de sua “perversidade” desde a infância (FOUCAULT, 2013). O narrador de *O tribunal da quinta-feira* realiza uma operação similar ao tentar traçar uma “genealogia” da AIDS na sua vida. E com o que ele se depara? Com a sua própria juventude, marcada pelas inúmeras mortes no auge da epidemia da AIDS e pelo medo de encontrar sinais da doença no seu corpo. José Victor revisita também o peso que cada paciente carrega de acordo com a sua moléstia (tuberculose para os “românticos”, câncer para as “pessoas sem vontade” e AIDS para os “gays”) e a sua amizade com Walter, um homem gay e soropositivo. Paralelamente, José passa por namoros, relações casuais, seu casamento com Teca e o relacionamento com Dani. De forma inesperada, acaba se deparando com o segredo de Teca e Walter e tem os seus próprios “segredos” expostos na internet. Talvez, toda a narrativa de José V. não passe de um grande ensaio para um momento da “saída do armário” do HIV para a sua atual namorada, Dani.

Entretanto, como colocado por Bourdieu (1996), se a trajetória narrada em uma biografia fosse comparada ao trajeto do metrô, não se poderia ignorar a estrutura da rede. É por isso que ao longo dessa pesquisa, utilizamos as ideias de Perlongher (1987), Lauretis (1994), Sontag

(2007), Rich (2010), Foucault (1999; 2013) entre outros para se evocar a “paisagem” desse trajeto. Nossos olhos são direcionados para uma “casa de luxo e grama verde” em que um homem branco, heterossexual e com mais de quarenta anos destila seu humor sarcástico em relação à sua condição privilegiada na sociedade. O homem parece satisfeito consigo mesmo, mas internamente está com medo do que pode lhe acontecer no futuro próximo. Contudo, uma de suas habilidades é justamente dissimular o medo através de piadas sobre mulheres e sobre o vírus da AIDS. Este homem tem discursos misóginos em alguns momentos, mas não parece ser homofóbico. Tem poucos amigos, mas preza muito esses que têm. O homem gosta de praticar sadomasoquismo com uma mulher bem mais jovem do que ele, e no fundo, morre de medo que ela o “troque” por alguém mais novo (da mesma maneira que ele fez com a sua ex-esposa). Ele provavelmente não voltará a se casar, já que o casamento torna os homens “eunucos”, quase “cadáveres”. Porém, o homem gostaria de continuar se relacionando com a mulher mais jovem, se esta ainda o aceitar depois de saber que ele foi contaminado com o HIV e possivelmente a infectou também.

A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve ao longo da vida. A identidade não é um atributo fixo de determinada pessoa, mas sim um fenômeno relacional. O desenvolvimento da identidade ocorre no terreno do intersubjectivo e caracteriza-se como sendo um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo enquanto indivíduo enquadrado em determinado contexto. Sendo assim, identidade pode ser entendida como resposta à pergunta: “Quem sou eu, neste momento?” (MARCELO, 2009, p. 12).

Neste momento, José Victor é um homem branco, heterossexual, com mais de quarenta anos, boas condições financeiras e que descobriu estar infectado com o HIV. É isso que ele nos oferece, juntamente com todos os preconceitos, privilégios e clichés que esta posição carrega. Michel Laub (2016) consegue com grande habilidade retratar um homem típico desse momento e estrato social no Brasil.

Agradecimentos

À turma da disciplina “Teoria queer e literatura brasileira”, ministrada pelo professor Dr. Marcio Markendorf (PPGLit/UFSC) no primeiro semestre de 2019, em especial à colega Marina Speranza pela troca de ideias acerca da obra analisada aqui e a Marcio Markendorf pela leitura crítica da versão inicial do manuscrito.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 183-191.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-167.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DANIELI, Lisiane Andriolli. O narrador de o tribunal da quinta-feira e seu crime. *Revista (Entre Parênteses)*, Alfenas, v. 7, n. 2, 2018. Disponível em: <http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/761>. Acesso em: 07/09/2019.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Trad. de Susana Bornéo Funck In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999..

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LAUB, Michel. *O tribunal da quinta-feira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARCELO, Carlos. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. *Sísifo/Revista de Ciências da Educação*, n. 8, p. 7-22, jan./abr. 2009.

MORAES, Camila. Michel Laub: Quem pondera hoje é massacrado. *El País*, São Paulo, 19 nov. 2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/17/cultura/1479415869_130648.html. Acesso em: 25/06/2019.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *O que é AIDS*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. *Bagoas*, v. 5, p. 7-44, 2010.

SHARP, Paul M.; HAHN, Beatrice H. The evolution of HIV-1 virus and the origin of AIDS. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, v. 365, p. 2487-2494, 2010.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora e AIDS e suas metáforas*. Trad. de Rubens Figueiredo e Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WOROBAY, Michael *et al.*. Contaminated polio vaccine theory refuted. *Nature*, v. 428, p. 820, 2004.

NOTAS DE AUTORIA

Alessandra Daniele da Silva Boos (aleboos@gmail.com) é bacharela e licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2007) e doutora em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2016). Possui interesse nos estudos de ciência, tecnologia e sociedade (CTS), formação de professores e em aproximações entre ciências, artes e literatura/leitura.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

BOOS, Alessandra Daniele da Silva. AIDS e identidade em O tribunal da quinta-feira. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 145-157, 2020.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 22/11/2019

Aprovado em: 25/03/2020

